

## A voz contida de Paloma Vidal

Beatriz Resende<sup>i</sup>

Paloma Vidal, a caminho do quarto livro, aparece, de forma bem definida, como uma voz criativa que, desde o início, teve timbre próprio. Poucos são os jovens escritores que, como ela, encontram cedo a medida certa de sua escrita, conseguindo superar a falta e afastar-se do excesso.

Contida, discreta, melancólica, em trânsito, absolutamente pessoal, a ficção da escritora revela marcas autorais que desafiam o leitor ao propor um pacto, sempre renovado e sempre falso, entre a ficção e o biografismo.

A sensação de estranhamento, o movimento entre diferentes culturas, línguas diversas e casas, sobretudo casas, ocupadas ou abandonadas, parecem revelar ao leitor as próprias contingências de vida da escritora que nasceu em Buenos Aires, veio pequena para o Rio de Janeiro, um dia fez as malas, foi para outro país e voltou. Não é isso, porém, o que importa, pois entre o público e o privado, no espaço mundializado por que se move, há uma intimidade ferozmente preservada num momento em que, por toda parte, exibir o íntimo parece ser grande atração.

Em torno de obsessões que são retomadas, através de múltiplas narradoras que se confrontam com a realidade partilhando paranóias, medos, a sensação de não chegar nunca e de nunca conseguir voltar, Paloma Vidal cria narrativas que parecem dar sequência umas às outras sendo, no entanto, a cada vez, absolutamente novas.

No primeiro livro, *A duas mãos*, é na voz feminina que se revela um olhar oblíquo, como que a observar a cena de fora do quadro. No deslocamento da voz autoral que transita entre línguas e espaços diferentes, se constrói o jogo narrativo que domina os diversos contos e impede qualquer obviedade.

O seguinte, *Mais ao sul*, flerta, discretamente, em alguns contos, com o absurdo. O que o conjunto transmite de mais forte é uma sensação de falta de chão que assusta e seduz. Há sempre algo ou alguém a nos surpreender por trás de uma porta ou de um parágrafo. Neste livro de contos já está contido, de algum modo, o primeiro romance, *Algum lugar*.

Na primeira construção longa, ainda que curta, pois o minimalismo do estilo e a brevidade do que vai ser narrado continuam dominantes, a opção pela recusa de tudo que seja espetacular garante a singularidade da narrativa. Ainda aí, no enganoso pacto biográfico, na condução da escrita literária e não na sedução da confiança ou no espontaneísmo testemunhal está a habilidade artesanal do romance.

Em toda sua obra, na opção pela simplicidade contundente está o resultado de difícil trabalho de rejeição de efeitos espetaculares, de desrealização do cotidiano que pode ser óbvio, a construir o ficcional com recursos não dramáticos que se aliam à reflexão permanente sobre a condição da existência. Talvez se trate do que o escritor Cesar Aira chama de “renúncia”, ao afirmar que para ser escritor é preciso encontrar um modo de renunciar a sê-lo.

A intimidade com a economia do drama aparece também nas experiências do teatro pós-dramático que a autora começa a praticar, usando , inclusive recursos do universo virtual.

É mais uma vez num jogo de esconde/revela-se que os textos de Paloma são atravessados pelos conhecimentos teóricos que a autora, também professora de literatura e tradutora, detém e sabe usar.

---

<sup>i</sup> Beatriz Resende é Professora Titular de Poética da Universidade Federal do Rio de Janeiro,